

## O Bingo do Ustrapalooza

Se tudo der certo, ato com Bolsonaro deve ser última edição de festival golpista

Celso Rocha de Barros

Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (inglês) e autor de "PT, uma História"

Neste domingo temos manifestação a favor do golpe na avenida Paulista com as presenças de Jair Bolsonaro, Tarcsio de Freitas, Ronaldo Caiado e outros entusiastas da destruição do Estado de Direito. Se tudo der certo para o Brasil, deve ser a última edição do Ustrapalooza, festival golpista que teve várias edições desde 2019. Para quem quiser acompanhar, segue a cartela do bingo do festival. Marque um "x" quando avistar qualquer um dos seguintes itens.

Político do partido Novo di-

zendo "não concordo com tudo que Bolsonaro diz, só acho que [segue lista de tudo que Bolsonaro diz]".

Político do centrão obviamente incomodado de estar ali, mas topando qualquer coisa que mele as investigações sobre o golpe porque, se forem feitas, tem um prints de WhatsApp do sujeito do final de 2022, que, rapaz, é melhor esquecer da polícia.

Político do centrão que está ali porque foi comprado pelo orçamento secreto no governo passado, mas até hoje não

recebeu propostas concretas de Paulo Guedes que pudessem ser votadas. Partindo de seu código de honra muito peculiar, pensou: bom, vou nesse tipo de eleição e pronto, mercedinha entregue.

Discurso dizendo que as Forças Armadas nunca tentaram dar um golpe, que as Forças Armadas são bastiões inquebrantáveis da cultura democrática, que as Forças Armadas jamais sonhariam em quebrar a ordem institucional, mas que se continuarem dando ordem de prisão para militantes golpistas, bom, aí não vai ter jeito, vai ter que ter golpe mesmo.

Mangabeira Unger disfarçado no meio da multidão, já redigindo mentalmente a próxima nota de esclarecimento caso Mônica Bergamo o desmascare de novo.

Honra de Tarcsio de Freitas se embelhando com a camisa do Flamengo em um boteco de despatos da vida.

Ricardo Salles e Eduardo Bolsonaro felicíssimos porque conseguiram impor a Tarcsio

a derrota de estar na Paulista sem sua honra.

Comentário político fingindo que não viu o Tarcsio na Paulista porque vai que não aparece outro pra concorrer com o Lula e eu preciso continuar fingindo que esse aí é civilizado?

Alguém na platéia perguntando "Esse aí é quem?" quando Ricardo Nunes fizer seu discurso.

Bolsonaristas que sempre roubaram grana das manifestações golpistas e dessa vez vão dobrar a comissão porque, bom, vai que é a última. Se o leitor acha que eu estou inventando, quem disse que tinha malandragem em sendo Pix nos acampamentos em frente aos quartéis foi o bolsonarista Oivaldo Eustáquio, em matéria publicada pela revista Piauí em junho de 2023.

Discurso mentindo que não,

ninguém tentou golpe nenhum, mas mesmo se tivéssemos tentado, tentativa não é crime, e quem inseriu a palavra "tentar" nos artigos 339-L e 339-M do Código Penal foram os mesmos hackers que fraudaram as urnas eletrônicas.

Discurso dizendo que, no fundo, tudo que todo mundo ali deseja é apenas o equilíbrio entre os Poderes, e é por isso que estamos pedindo anistia para aquele rapaziada que quebrou tudo na Praça dos Três Poderes em 8 de janeiro de 2023.

Infelizmente, não temos como garantir que essa será a última edição do Ustrapalooza. Como se vê pela lista de presença do ato de hoje, a direita brasileira mal começou seu retorno à democracia. De qualquer maneira, quando você se lembrar que eles estão ali porque perderam a eleição, grite "Bingo!"

João, Eliu Gaspari, Celso Rocha de Barros | **SEX.** Deborah Bizarria, Camila Rocha | **TER.** Joel Pinheiro da Fonseca | **QUA.** Eliu Gaspari | **QUI.** Conrado H. Mendes | **SEX.** Marcos Augusto Gonçalves | **SÁB.** Demétrio Magnoli

## Donas de casa de direita usam redes para atacar feminismo

Sob aceno bolsonarista, 'tradwives' incluem Olavo e nostalgia do que não viveram

Ana Luiza Albuquerque

Seu plano: Ela liga a câmera do celular e começa a gravar. Tem a pele clara, os olhos azuis e os cabelos loiros e longos, na altura do ombro. De batom vermelho e blusa branca, está na cozinha de casa. Coloca um avental laranja e traz para perto da câmera um prato com um bolo. Ela corta um pedacinho e come.

Hana Schürhoff é uma influenciadora, mas não do tipo a qual a internet está acostumada. No canto do vídeo, publicado no TikTok, a moça adiciona uma gravação de Olavo de Carvalho, guru da direita brasileira que morreu em 2022. Ele diz que as mulheres perderam o direito de serem sustentadas pelo marido e acredita que ganhou o direito de ser empregada. Só que ela não acredita que isso é vantagem.

A jovem acena positivamente com a cabeça às afirmações de Olavo. Duas frases atravessam o vídeo: "Olavo sempre teve razão! Eu só preferiria ser dona de casa".

A conta da moça mistura conteúdos que mostram a rotina de uma dona de casa — assando um bolo de chocolate para o marido, por exemplo — com mensagens de caráter ideológico, nas quais critica o feminismo e lista características de uma "mulher de valor" (na sua concepção, aquela que é feminina, não é vulgar e que prioriza Deus e a família).

Ela é uma "tradwife" — nome em inglês que pode ser traduzido como "esposa tradicional". Especialmente nos Estados Unidos, as "tradwives" formam uma comunidade ativa de mulheres que têm uma visão conservadora sobre gênero e casamento. Elas defendem que as mulheres priorizam os cuidados com o lar, o marido e os filhos, e afirmam que perderam direitos com o feminismo.

Há uma certa nostalgia com um passado distante, que não viveram, em que imaginam que as mulheres eram protegidas pelos maridos, não precisavam trabalhar e tinham tempo para se dedicar à família e mantê-la unida. Isso se reflete até na estética adotada pelas "tradwives" nas redes: elas quase sempre vestem roupas conservadoras e femininas, remetendo à imagem de uma dona de casa do século passado.

No Brasil, a moda ainda não



Reprodução de vídeo do deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG) faz discurso transbólico na Câmara

pegou com força, mas há alguns perfis semelhantes, especialmente no TikTok. Análise das referências gira em torno do conceito da mulher de valor, ou valorosa, que se opõe às feministas. Essas influenciadoras costumam repetir que é uma escolha de ser dona de casa e priorizar a família.

"Tem coisas híbridas muito curiosas. Mulheres que se afirmam conservadoras, mas que ao mesmo tempo se dizem empoderadas", afirma a pesquisadora Camila Rocha, coautora do livro "Feminismo em Disputa" e colunista da Folha. "Há alguns anos fizeram um congresso de mulheres empoderadas em Deus. Sou empoderada e estou de pendente com a subordinação dos filhos no casamento".

Ela lembra que nas últimas décadas houve um aprofundamento da crise de cuidado, ou seja, a sobrecarga das mulheres — especialmente as não-brancas e economicamente vulneráveis — que ficam responsáveis pelo cuidado da família, além de terem que lidar com as demandas do trabalho. Por isso, o casamento representaria uma possibilidade de dividir essas responsabilidades, ainda que na teoria.

"Para essas mulheres, casar é um recurso muito valioso. 'Você entrar para uma igreja evangélica', 'você me tornar uma mulher de valor', tudo isso tem uma questão moral de como a sociedade trata pior as mulheres solteiras, mas tem também um componente econômico", diz Camila. "E aí tem todas essas influenciadoras conservadoras que estão suprimindo esta demanda".

Ainda que sejam poucas as influenciadoras do tipo no país, líderes da direita bolsonarista já acenaram para termos do movimento — seja por alinhamento ideológico ou por entenderem que essa é uma forma de se aproximar do voto feminino.

Um exemplo é o deputado federal Nikolas Ferreira (PL), que no ano passado, no Dia da Mulher, colocou uma peruca loira e fez um discurso transbólico no plenário — tratando mulheres trans como "homens que se sentem miúdos".

Ao final, o parlamentar afirmou: "Mulheres, retomem a sua feminilidade, tenham filhos, amem a maternidade, formem a sua família, porque dessa forma vocês colocarão luz no mundo e serão, com

certeza, mulheres valorosas".

A visão de mundo defendida pelas "tradwives" é compartilhada pelos bolsonaristas mais extremistas e pela extrema direita norte-americana. Nos Estados Unidos, algumas delas começaram a adotar um discurso mais agressivo e evidentemente alinhado à franja da direita no país.

Pesquisadora na universidade de Tilburg (Holanda), a norte-americana Eivane Leidig publicou em setembro do ano passado um livro sobre as influenciadoras da extrema direita ("The Women of the Far Right: Social Media Influencers and Online Radicalization"), ou, na tradução livre, "As Mulheres da Extrema Direita: Influenciadoras e Radicalização Online".

Durante a pandemia da Covid-19, ela acompanhou os conteúdos postados por essas mulheres. Leidig reparou que elas alternavam publicações rotineiras com mensagens de caráter ideológico — assim como faz a jovem seguidora de Olavo de Carvalho, ainda que o seu conteúdo seja conservador, mas não extremista.

"Em um dia elas faziam um post elogiando o jardim com os filhos. No dia seguinte, postavam coisas tipo 'Vidas Brancas Importam' [alguns supõem que se trata de uma resposta ao movimento racial 'Vidas Negras Importam'], ou espalhavam teorias conspiratórias sobre a vacinação contra a Covid-19 ou sobre a Grande Substituição" [conspiração que fala em um plano para substituir a população branca por imigrantes não-brancos], diz Leidig à Folha.

A pesquisadora avalia que, compartilhando a rotina, essas mulheres conseguem cultivar uma percepção de autenticidade, fazendo com que as pessoas se identifiquem com elas. Além disso, costumam produzir conteúdos em torno de temas que movimentam uma grande comunidade online, como comida ou maternidade. Publicar esse tipo de material ajuda a disfarçar o verdadeiro intuito da conta.

Essas influenciadoras começaram a fazer mais ativas nas redes sociais por volta de 2015, pouco antes de Donald Trump ter sido eleito presidente, e passaram a postar menos depois da derrota do Republicano em 2020.

Eu argumento que essas mulheres têm uma função chave em normalizar e legitimar ideias de extrema direita", diz Leidig. "E eu discuto como elas fizeram isso, disseminando mensagens de ódio de um jeito muito sutil".

A preferência dessas influenciadoras por abordar questões de gênero e criticar o feminismo se dá por dois motivos principais, acredita a pesquisadora. Primeiro, elas têm mais credibilidade e legitimidade para discutir o assunto

do que os homens. Segundo, pode ser uma forma de atingir uma audiência que não seria tão vulnerável a outros temas caros para a extrema direita norte-americana, como a supremacia branca e o antissemitismo.

"Eu acho que falar sobre o antissemitismo, em vez de falar coisas racistas de cara, é uma posição mais estratégica para atingir audiências maiores. É preciso primeiro construir um componente de confiança e identificação com seus seguidores, para depois transitar para um discurso mais extremo".

Para essas mulheres, casar é um recurso muito valioso. "Você entrar para uma igreja evangélica", "você me tornar uma mulher de valor", tudo isso tem uma questão moral de como a sociedade trata pior as mulheres solteiras, mas tem também um componente econômico. E aí tem todas essas influenciadoras conservadoras que estão suprimindo esta demanda

Camila Rocha  
coautora do livro  
"Feminismo em Disputa"  
é colunista da Folha

Mulheres, retomem a sua feminilidade, tenham filhos, amem a maternidade, formem a sua família, porque dessa forma vocês colocarão luz no mundo e serão, com certeza, mulheres valorosas

Nikolas Ferreira  
deputado federal pelo PL  
durante discurso transbólico  
com peruca loira na  
Câmara dos Deputados